
A vida e a obra de Edward Steichen ¹

Catarina Luíza de Macêdo PENNYCOOK²

Julianna Nascimento TOREZANI³

Universidade Católica de Pernambuco, PE

Resumo

O artigo aborda a trajetória do artista e fotógrafo Edward Steichen em diversificados momentos de sua carreira. Tem como finalidade passar de forma coerente a história da fotografia de moda, principalmente de moda e suas consequências no mundo midiático atual. O traço teórico do artigo foi traçada com base em fundamentos de autores, sendo eles António Damásio (2010), João Pedro Souza, (1998), Juliana Lopes (2012) e do *site Itaú Cultural* (2018). A metodologia se deu através de buscas históricas relacionadas à guerras, moda e fotografia, ou seja, pesquisa bibliográfica e documental. O estudo conclui a importância da fotografia de Steichen para a fotografia atual.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Edward Steichen; Fotografia de moda; Photo Secession; Fotografia de guerra.

Introdução

Edward Steichen, nascido em 1879, é um nome de grande peso no mundo fotográfico. No decorrer de sua carreira artística, tornou-se um dos mais influentes fotógrafos da história, principalmente no ramo da moda e retratos. Sendo, também, escritor, curador e pintor, Steichen sempre defendeu a fotografia como forma de arte e não apenas como registro documental. Seu interesse por esse mundo iniciou aos 15 anos, quando começou um curso de litografia. Desde então, seguiu focado no mundo artístico até sua morte, em 25 de março de 1973.

O trabalho busca abordar a vida pré e pós Primeira e Segunda Guerras Mundiais do artista, buscando, por meio de livros, entrevistas, depoimentos, artigos e imagens definir uma identidade marcante e característica de suas obras.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: catarinapennycook@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Cultura e Turismo e Bacharel em Comunicação Social, e-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br

Será apresentada, primeiramente, sua biografia e o início de sua carreira: como surgiu o interesse pelo mundo artístico e como foi incluído nesse ramo, chegando até sua ida a Segunda Guerra Mundial. Depois abordaremos a sua vida pós-guerra, enfatizando sua paixão pela fotografia de moda e, então, finalizaremos com uma releitura de uma de suas obras e todo o processo criativo da mesma, desde o *briefing* até o produto final.

O início da carreira de Edward Steichen

Nascido em 1879 em Luxemburgo, Édouard Jean Steichen foi um artista de grande influência para a fotografia. Sempre focado no mundo das artes, atuou como pintor, curador e fotógrafo até seu último dia de vida.

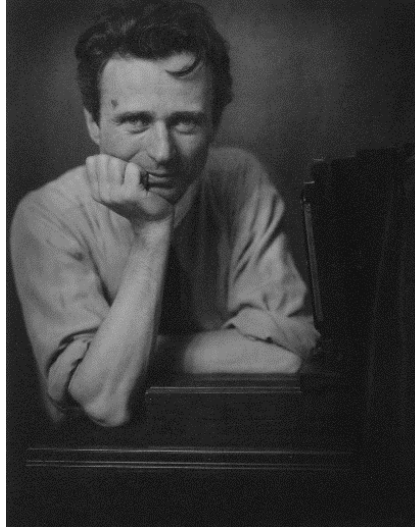
Sem dúvida uma das personagens mais influentes no mundo fotográfico americano de 1900, Steichen fez uma carreira fulgurante. A sua primeira participação numa exposição oficial em 1899 foi imediatamente assinalada no jornal de fotografia “*Camera Notes*” de *New York*. [...] Praticando a pintura ao mesmo tempo que a fotografia, Steichen é no início do séc. XX, um dos representantes mais importantes da primeira corrente da história da fotografia, o pictorialismo, cuja ambição é fazer reconhecer a fotografia como uma das belas artes. No meio de diversas influências, entre as quais o impressionismo, o japonismo, o simbolismo e mais especificamente nos Estados Unidos o transcendentalismo de Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson assim como o tonalismo do pintor George Inness, o jovem Steichen adquire uma síntese que lhe é própria e que contribui enormemente para o reconhecimento da fotografia como arte (DAMÁSIO, 2010).

Um ano depois de seu nascimento, mudou-se para os Estados Unidos e viveu por lá durante toda sua vida. Aos 15 anos, finalmente, o interesse pela arte surgiu e, nesse ano, iniciou um curso de litografia e começou a pintar, abrindo portas para sua carreira artística. Nesse meio tempo, sempre a caminho do seu curso, se deparou com uma loja de câmeras e equipamentos fotográficos, a qual visitava frequentemente com bastante curiosidade, até que em 1895 adquiriu sua primeira câmera, uma Kodak de segunda mão. Juntou-se com alguns amigos, que demonstravam o mesmo interesse pelo ramo da arte, e, assim, surgiu o Milwaukee Art Students League, uma sala alugada que servia como um estúdio para o grupo de artistas.

Já no início de sua carreira utilizava de métodos diferenciados para causar efeitos nas suas fotos, como tripés em movimento e lentes com glicerina e, por esse motivo,

passou a ser chamado, por muito tempo, de pictorialista. Com o passar dos anos, outros movimentos artísticos vieram a tona, fazendo com que Steichen mudasse de estilo, preferindo imagens mais simplórias e limpas.

Figura 1: Edward Steichen, 1917. Autorretrato.



Fonte: <https://www.moma.org/interactives/objectphoto/artists/5623.html>.

Anos se passaram e, em 1900, foi naturalizado como cidadão norte-americano, assinando seu nome como Edward. Neste mesmo ano, conheceu o fotógrafo Alfred Stieglitz (1864-1946), firmando desde então uma longa parceria.

O pioneirismo na Photo Secession

O início do século XX foi marcado pela criação do movimento Photo Secession. Descontentes com a estética das imagens fotográficas da época, Steichen e Stieglitz fundaram uma associação - junto com outros grandes nomes da fotografia, como John G. Bullock, Frank Eugene, Gertrude Käsebier, Clarence White e outros -, com o intuito de unir artistas, principalmente fotógrafos, pictorialistas que buscavam fugir da fotografia convencional, desviando-se do realismo. Para isso, usavam de impressões especiais e o trabalho artístico manual para modificações de imagens.

Em 1905, esse grupo de fotógrafos vanguardistas aluga uma sala na Quinta Avenida de Nova Iorque, que ficou sendo conhecida como Galeria 291, onde eram expostas fotos, desenhos, esculturas e pinturas de diversos artistas, inclusive, pela primeira vez nos Estados Unidos, obras de Pablo Picasso. Isso fez com que a galeria se

tornasse um ponto de referência da arte moderna no país. Segundo a pesquisa encontrada no site *Itaú Cultural* (2018):

[...] As obras causam descontentamento pela hegemonia norte-americana, mas também por refletirem um afastamento dos padrões estéticos e temáticos comuns ao pictorialismo. As imagens mostram assuntos ligados ao mundo contemporâneo como cenas urbanas, flagrantes do cotidiano e objetos mecânicos que destoam das cenas idílicas e atemporais da estética pictorialista. Além disso, algumas fotos apresentam um forte sentido geométrico e pouca profundidade, o que as liga à pintura abstrata de vanguarda, que surge também nessa época (ITAÚ CULTURAL, 2018).

Figura 2: Rodin, *O Pensador*, 1902, por Edward Steichen.



Fonte: <http://www.phaidon.com/agenda/photography/articles/2017/march/27/a-movement-in-a-moment-photo-secession/>

Esse movimento tinha como fundamentação diferenciar o contraponto entre o conservantismo das massas, que clamavam pela unificação da pintura com a fotografia e o entusiasmo fanático dos revolucionários, que foram além das concepções comuns para ter a fotografia como um meio de expressão individual. O que se defendia era o direito dos fotógrafos de seguirem seus ideais e terem a fotografia como forma de expressão.

A Photo-Seceession representa a decadência desse movimento, pois é com base na produção de alguns de seus integrantes que, já na década de 1910, os críticos norte-americanos começam a empregar o conceito de *straight photography* (fotografia direta) para identificar imagens feitas a partir do embate direto da câmera com a realidade, sem posteriores intervenções manuais. O conceito reivindica a realização de imagens de caráter artístico pela exploração criativa de recursos estritamente fotográficos: pontos de vista e enquadramentos diferenciados, e procedimentos de laboratório que não descaracterizem

a tonalidade própria dos materiais sensíveis à luz (ITAÚ CULTURAL, 2018).

O grupo também promovia uma estética moderna e especificamente americana, usadas, a partir de então, como expressões midiáticas que circulavam pela população, abominando o uso de técnicas pictorialistas na fotografia. Consequente a isso, surge o termo de *straight photography* ou fotografia crua. Remetia ao início da fotografia, com imagens sem alterações manuais, ou seja, a fotografia pura, feita inteiramente com técnicas apenas fotográficas.

A participação de Edward Steichen na criação das fotografias de guerras

A fotografia de guerra é um dos ramos fotográficos mais procurados pelos fotojornalistas e fotógrafos amadores e teve seu início marcado pela Guerra da Criméia, em 1855. Desde então, através dessas imagens, pode-se analisar sobre a atual situação da sociedade, já que guerras constroem e destroem fronteiras e estabelecem novos comportamentos na população. Mesmo sabendo que não é um evento seguro, fotógrafos vão em busca de imagens, até mesmo sensacionalistas, trazidas pelas batalhas e suas consequências.

Figura 3: Fotografia aérea da Primeira Guerra Mundial, por Edward Steichen.



Fonte: <https://www.20minutos.es/noticia/2184435/0/edward-steichen/fotos-aereas/i-guerra-mundial>.

Já na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Steichen atuou com maestria, comandando um grupo de fotógrafos do Exército Norte Americano, que contribuíram

para a formação da fotografia militar, especificamente, fotografias aéreas, e junto com seu grupo de fotógrafos, reuniu mais de um milhão de negativos.

Entretanto, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), alistou-se por conta própria e tornou-se diretor do Departamento de Fotografia da Marinha, captando imagens do conflito e do dia-a-dia exaustivo dos soldados. “Depois da Segunda Guerra Mundial, publicou *A Veteran's Photographic Combat*, uma representação fotográfica da América em guerra onde se evidencia a preocupação de mostrar quanto a guerra era estúpida. Desse livro venderam-se mais de seis milhões de exemplares” (SOUZA, 1998, p. 51).

Figura 4: Tripulação descansa em porta-aviões americanos, 1943, por Edward Steichen.



Fonte: <http://fotolhando.blogspot.com.br/2012/02/edward-steichen-na-segunda-guerra.html>.

Em 1944, lançou um documentário, dirigido e escrito por ele, a qual abordava as batalhas aéreas com imagens que relatavam – em boa qualidade – os conflitos da Primeira Guerra Mundial. *The Fighting Lady* ganhou, em 1945, o Oscar de Melhor Longa Metragem. O filme gira em torno da vida dos marinheiros que estavam a bordo de um navio porta aviões, mostrando sua viagem até finalmente chegarem ao campo de batalha. A produção utilizou câmeras acopladas em canhões dos aviões em combate, aumentando a sensação de realismo ao filme.

Mesmo sendo uma das suas maiores paixões, depois da Segunda Guerra Mundial, não retomou seus trabalhos como fotógrafo de moda e começou a atuar como diretor do departamento fotográfico do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque, se tornando o primeiro curador de fotografia da instituição até, finalmente, lançar sua maior e mais conhecida exposição: *The Family of Man*, em 1955.

Interessante notar que Steichen já demonstra flexibilidade como fotógrafo, atuando na criação de imagens de temas do cotidiano (Photo Secession), guerra, além dos demais temas que ainda serão abordados.

The Family of Man

Sem sombra de dúvidas, foi sua exposição fotográfica mais célebre já realizada. Lançada em 1955, inicialmente instalada em Nova Iorque, no MoMA, circulou o mundo com fotografias de ideologia humanista. Steichen recebeu para seleção dois milhões de fotografias sobre a vida humana, do nascimento à morte.

Tratava-se de 503 fotos sobre a vida do homem, englobando seu nascimento, adolescência, trabalho, solidão, amor, família e até a morte e, tinha como objetivo, segundo Jorge Pedro Souza (1998, p. 130), que “todos os seres humanos são iguais e devem auferir da mesma dignidade, que a vida era semelhante em toda a Terra e que os seres humanos eram uma grande família”.

Figura 5: Edward Steichen, diretor do Departamento de Fotografia do Museu de Arte Moderna, por Homer Page.



Fonte: https://www.moma.org/explore/inside_out/2010/11/17/edward-steichen-archive-the-55th-anniversary-of-the-family-of-man/.

Para que sua ideia possuísse fácil entendimento, Steichen agrupou suas fotos na ordem da criação do mundo – sempre fazendo referência religiosa -, em diversas sessões. A exposição iniciou com o setor repleto de imagens de água e terra, expostas acompanhadas de textos, fazendo referência à criação divina do mundo, numa época em

que a vida humana ainda não era presente. Seguidamente por fotos representando o nascimento humano, diversas mães segurando bebês no colo, crianças brincando e jogando, em variados países, dando a deixa para o próximo segmento, a família, composta por imagens suaves de famílias de diferentes nacionalidades.

Os próximos setores eram compostos por imagens representando o trabalho e alimentação, educação e ciência, respectivamente. Pode-se dar uma ênfase à última foto do setor “educação e ciência”: uma cidade alemã destruída com a presença de uma única criança caminhando até sua escola. Tal foto representava a intuição de autodestruição do ser humano, contrapondo com o conceito de esperança, recomeçar do zero.

A secção posterior dizia respeito à solidão humana, nos seus variados aspectos, e depois surgiam as fotos representativas dos tempos difíceis que a humanidade vivia (e vive) um pouco por todo o lado: fome, tirania política, etc. As duas secções seguintes contrastavam, já que a primeira respeitava ao sufrágio universal e a segunda à guerra. Nesta última eram apresentadas uma foto de um soldado morto numa trincheira durante a Segunda Guerra e uma foto da explosão de uma bomba de hidrogénio — a mensagem era clara (SOUZA, 1998, p. 131)

Figura 6: Vista da instalação da exposição *The Family of Man*, em exposição de 24 de janeiro a 8 de maio de 1955 no Museu de Arte Moderna.



Fonte: https://www.moma.org/explore/inside_out/2010/11/17/edward-steichen-archive-the-55th-anniversary-of-the-family-of-man/.

Toda a exposição correu de acordo com a ordem natural do ser, chegando, por fim, à morte. A última foto da exposição representava o fim da vida humana e o recomeço em um plano espiritual: duas crianças caminhavam juntas em uma estrada repleta de folhagens e plantas, passando ao telespectador uma calma. *The Family of Man* foi vista por 9 milhões de pessoas no mundo com os temas amor, nascimento, velhice, morte e

devoção. Encontra-se atualmente em sede permanente no Castelo de Clervaux, em Luxemburgo. Três milhões de exemplares do catálogo foram vendidos.

Para Marie Loup Sougez (2001, p. 269), “esta mostra, dez anos após terminar a guerra, teve um eco maior que o âmbito fotográfico, porque tocava o mais fundo da humanidade. A exposição percorreu depois as principais cidades dos Estados Unidos e foi também exibida no estrangeiro”. Essa exposição tinha por objetivo reacender a esperança das pessoas no pós-guerra, mesmo que esta tenha terminado dez anos antes. Era importante mostrar o que ocorreu, entre aspectos positivos e negativos na história da humanidade, mas lembrar que era possível reconstruir os lugares e refazer os planos destruídos pela guerra, esse era um dos objetivos da fotografia humanista.

A importância de Steichen para a fotografia de moda

Era notório o talento de Steichen para a fotografia, principalmente quando se tratava de inovação. Ao fim da Primeira Guerra Mundial, seu estilo fotográfico mudou completamente – fotos mais minimalistas e contrastadas chamavam atenção dos olheiros no mundo da moda e das celebridades.

Depois da Primeira Guerra Mundial, ele trabalhou para a Força Expedicionária Americana, tirando fotos aéreas para a inteligência militar, e a partir daí seu estilo fotográfico mudou radicalmente, com imagens monumentais e mais contrastantes. Não demorou muito para que este estilo próprio começasse a fazer furor no mundo da moda e das celebridades (IT-LAB, 2011).

No ano de 1923, quando mudou-se para Nova Iorque a convite do editor chefe das maiores revistas de moda, *Vanity Fair* e *Vogue*, tornou-se o fotógrafo chefe de ambas revistas. Trazia, como conteúdo, imagens marcantes e épicas para a *Vogue* e celebridades memoráveis em poses variadas para a *Vanity Fair*, como Greta Garbo, Charles Chaplin, Gregory Perk e vários outros. Suas imagens eram caracterizadas pelas diferentes técnicas de iluminação adicionavam um ar dramático à sua fotografia, e, quando unidas com a estética da *art decor* (movimento europeu com estilo elegante e moderno, meramente decorativo), construíram a imagem de moda midiática dos Estados Unidos, adotada até hoje pelos fotógrafos atuais.

Figura 7: Leonora Hughes, 1923, por Edward Steichen.



Fonte: <http://divaholic.com.br/moda/a-fotografia-fashion-de-edward-steichen-nas-decadas-de-1920-e-1930/>

Seu trabalho para a *Vogue* pode ser considerado o estilo-base da fotografia de moda e dos retratos. A criação de uma narrativa nos editoriais foi um dos principais motivos que fez com que Steichen ganhasse seu título de pioneiro na fotografia de moda. Com seu crescimento no mundo glamouroso da moda, chegou a ditar tendências fotográficas nos anos de 1920 e 1930 e, desde então, moda e arte são duas vertentes que caminham unidas. Segundo cita o *site IT-LAB* (2011), “a contribuição de Steichen para a criação do glamour do jornalismo de moda durou até 1938. Durante a segunda guerra mundial, ele retornou ao serviço militar e uniu-se às tropas americanas, nunca mais voltando ao mundo da moda, até sua morte em 1973”.

Mesmo sem seu regresso ao mundo da moda e das celebridades, Steichen deixou marcado na história um estilo de fotografia abordada, até hoje, pelos maiores fotógrafos de moda do mundo.

Figura 8: *Vogue* 1933, por Edward Steichen.



Fonte: <http://divaholic.com.br/moda/a-fotografia-fashion-de-edward-steichen-nas-decadas-de-1920-e-1930/>

Uma interpretação da antiga imagem moderna de Edward Steichen

No seu processo de modernização da imagem fotográfica, Steichen também alterou a forma de representação das mulheres no mundo da moda, diminuindo o romantismo e a delicadeza presente nas fotografias femininas e trazendo, cada vez mais, um ar de independência para as mulheres, que demonstram ser mais diretas e atraentes.

Gloria Swanson foi uma das atrizes americanas mais famosas no cinema mudo. Seu retrato, feito por Steichen, assumiu o *status* de obra-prima, em 1924. Sua essência assombrosa e misteriosa foi bastante retratada na imagem, que uniu o pictorialismo com modernismo.

Possui interpretações variadas, mas que sempre resultam em um ponto em comum: destaque aos olhos da atriz. Por trás das folhagens da renda, simula um animal selvagem espreitando a espera do seu próximo alvo; uma sobreposição de texturas acabou transformando o rosto de Gloria parte da estamparia do tecido.

O mais divertido nisso tudo é tentar encontrar onde está a tal da modernidade. O que é atual e certo pra nós hoje? Mapplethorpe pode ser ainda chamado de “arrojado”, com todos aqueles pênis fotografados como se fossem natureza morta? Por outro lado, o “velho” Steichen com suas mulheres etéreas não está tanto presente hoje em revistas que consideramos bíblias do zeitgest? (LOPES, 2012).

Figura 9: Gloria Swanson, por Edward Steichen, 1924.



Fonte: <http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/o-que-e-moderno-hoje-as-imagens-atemporais-de-mapplethorpe-e-steichen-em-milao/>

Para alcançar tal resultado, uma série de pesquisas foi realizada, chegando em um ponto crítico da característica de Steichen nessa fase modernista de sua fotografia. Para sua época, uma mulher ser fotografada demonstrando tamanha força e independência era algo atípico. Com essa conclusão, a escolha de uma imagem para ser relida foi rápida e direta.

A icônica fotografia de Gloria Swanson apresentava os pontos buscados para a representação: personalidade marcante, fundamento recôndito feminino e força da mulher, tudo isso refletido no olhar da modelo.

Figura 10: Releitura, autorretrato por Catarina Pennycook, 2018.



Fonte: Produção fotográfica, 2018.

A releitura realizada se caracteriza pela junção da estética e conceito de Steichen com o estilo da autora de tal releitura. Algumas figuras físicas, como a renda florida e o destaque aos olhos foram mantidos. Já a aparência e pose da personagem foi propositalmente modificada, deixando a fotografia com um aspecto mais atual, porém sem perder sua essência.

A principal diferença entre os dois retratos, entretanto, não é conceitual e nem físico, mas sim no estilo da fotografia. O autorretrato foi escolhido para representar o empoderamento da mulher quando se trata de si própria.

Considerações Finais

A estética fotográfica de Edward Steichen é considerada a base da fotografia midiática de moda. Mesmo sendo o fotógrafo de moda mais antigo, seus conceitos são utilizados até hoje, nos editoriais mais modernos até retratos das celebridades.

Iniciou sua carreira como um dos mais ilustres fotógrafos pictorialistas e terminou sendo o primeiro curador de fotografia do MOMA. Migrou de estilo, sendo influenciado pelos movimentos artísticos da época, até adotar o modernismo como princípio de estética para suas imagens. Revolucionou a fotografia de moda quando começou a retratar a mulher de uma forma incomum para a época: forte, atraente e independente, reduzindo a imagem de “mulher ideal e romântica”, a qual era naturalmente circulada pela mídia.

Steichen teve grande importância para a formação da estética fotográfica atual, com suas imagens contrastantes e minimalistas. Sempre considerou a fotografia como uma expressão, tanto artística quanto pessoal e, por isso, costumava passar ideias e conceitos através de suas imagens.

Versátil, criativo e determinado, Steichen passou pela fotografia artística, de moda, de publicidade, de guerra, de forma exemplar, construiu uma linguagem pessoal que é analisada pelos estudiosos da fotografia. Em sua obra podem ser vistas imagens de mulheres seminuas ou com roupas elegantes em poses inusitadas, como fotografias de guerra para reconhecimento aéreo de espaços que seriam atacados. Poucos fotógrafos possuem tamanha versatilidade em seu trabalho, Steichen ainda passa pela produção audiovisual e pela curadoria deixando uma marca. *The Family of Man* ainda pode ser visitada em Luxemburgo e traz reflexão aos visitantes, ainda é preciso que as pessoas

percorram o caminho traçado por Steichen do nascimento a morte para entender seus feitos e finitude, pela fotografia vemos isso com clareza.

Referências

DAMÁSIO, António. **Fotógrafos** – Edward Steichen, 2010. Disponível em <http://aimagemcomunica.blogspot.com/2010/12/fotografos-edward-steichen.html> Acesso em: 16 de maio, 2018

FOTOGRAFIA DE MODA: Edward Steichen. In: **Coletivo IT-LAB**, 2011. Disponível em: <https://coletivoitlab.wordpress.com/2011/12/08/fotografia-de-moda-edward-steichen/> Acesso em: 16 de maio, 2018

LOPES, Juliana. **Ainda moderno**: as imagens atemporais de Mapplethorpe e Steichen, em Milão. 2012. Disponível em <http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/o-que-e-moderno-hoje-as-imagens-atemporais-de-mapplethorpe-e-steichen-em-milao/> Acesso em: 20 de maio, 2018

PHOTO-SECESSION. In: enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3818/photo-secession>>. Acesso em: 14 de maio, 2018

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da Fotografia**. Tradução de Lourenço Pereira. Lisboa: Dinalivro, 2001. Título original: Historia de la Fotografia.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.